

## VIRGÍNIA ENTRE NÓS, SEUS PERSONAGENS

Odalice de Castro Silva

*Profª Adjunta do Departamento de Literatura e  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e  
do Curso de Especialização em Estudos Literários e  
Culturais da UFC.*



“No entanto, de vez em quando fico obcecada pela vida bastante profunda & semística de uma mulher, que será contada toda em uma única ocasião; & o tempo será completamente eliminado; o futuro de algum modo irá florescer no passado. Um incidente – digamos a queda de uma flor – poderá contê-lo. Sendo minha teoria que o fato real praticamente não existe – nem o tempo.”

(Virgínia Woolf. *Diários*, 23 de novembro de 1926, terça-feira.)

## UMA LUZ NO FOGG LONDRINO

Adeline Virginia Stephen Woolf (25.01.1882 – 28.03.1941) entra para minhas leituras com a descoberta dos modernos, alguns dos que escreveram também “com profundidade”: Dostoievsky, Kafka, Faulkner, Proust, Thomas Mann, Tolstoi, Katherine Mansfield, entre outros.

Seus livros foram ganhando importância, à medida que se destacavam as diferenças marcantes de seu estilo, seu jeito de dizer/ escrever as coisas e os sentimentos e de tratar os grandes e pequenos temas da vida: os conflitos íntimos, o dia-a-dia, as grandes e pequenas necessidades que se cruzam no nosso cotidiano, em realidade concreta e aqueles que se recolhem nos desvãos de nossa alma e nos perseguem insistentemente. Quem somos, quem são aqueles com quem vivemos, o que nos completaria? Como conviver com nossas aflições mais tenebrosas?

Estas perguntas nunca adiadas na obra da escritora que cruzou os séculos XIX e XX, para afirmar-se como representante de uma escrita do eu que se interrogou até calar-se, depois do último bilhete, para o marido, quando renuncia à vida:<sup>1</sup>

“Querido,

Tenho certeza de que estou enlouquecendo de novo. Sinto que não podemos passar por outra daquelas terríveis fases. E desta vez não ficarei curada. Começo a ouvir vozes, e não posso me concentrar. Assim, estou fazendo o que me parece melhor. Você me deu a maior felicidade possível. Não creio que duas pessoas pudessem ser mais felizes até chegar esta doença terrível. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida e que sem mim você poderá trabalhar. E você vai, eu sei. Está vendo, nem consigo mais escrever adequadamente.

Não consigo ler. O que quero dizer é que devo a você toda a felicidade da minha vida. Você foi absolutamente paciente comigo e incrivelmente bom. Quero dizer isso – e todo mundo sabe. Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade.

Não creio que duas pessoas tenham sido mais felizes do que nós fomos.”

*Virginia Woolf*

---

1 BELL, Quentin. *Virginia Woolf. Uma Biografia*. Trad. de Lya Luft. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988, p.526.

Esta renúncia dramática e fatal acontece numa manhã, “um dia claro, luminoso e frio”, 28 de março de 1941, que obriga o leitor a cruzar a vida e obra de Virginia, para entender um pouco melhor a escrita tensa, os personagens ansiosos, a dispersão dos motivos, como as coisas acontecem: sempre incompletas, postergadas, realizadas aos pedaços, num compartilhar invisível da teia que se chama vida e que se arma e desarma à nossa revelia, muitas vezes.

Seus personagens são criados de modo a serem familiares a nós, pela forma como são tão parecidos conosco, mas tão diferentes (na essência e dualidade estéticas), no que possuímos de sonho e impossibilidade de, na vida real, sermos como eles.

Porque a vida de Virginia guarda relações muito estreitas com um tempo não tão distante de nós, no que a vida tem de comum com as surpresas, as indignações para com uma sociedade que não correspondia aos anseios de quem refletia a respeito da condição humana, das diferenças de classe, sobre o poder de aquisição de bens mínimos necessários à vida, mas também àqueles de natureza intelectual (livros, acesso a grupos de artistas e pensadores, exposições, viagens culturais), de educação, civilização, refinamento de atitudes, a liberdade de expressão.

Eram seus motivos, também, a velhice, a solidão, o fim, a morte, o espírito e os sentimentos de alegria e medo, diante das doenças e dos esconderijos da mente; tudo em Virginia tem ligação com o que ela viveu.

Virginia nasceu e cresceu entre livros e entre escritores, o avô paterno, o pai, a mãe leitora, a biblioteca de seu pai, na qual aprendeu a ler e a amar os clássicos: criadores e pensadores. Cresceu lendo os trágicos e os filósofos, preparando-se para construir sua própria relação com a arte de escrever, para dizer/ fazer sua própria relação com o mundo e com a herança natural que recebia, rebelde à condição de “irmã de Shakespeare”.

É possível que o fato de ter-se alfabetizado em casa e de ter usufruído de leituras e de tê-las como uma necessidade vital tenham contribuído para o isolamento, o desenvolvimento de sensível capacidade reflexiva e, através do convívio com os clássicos, o aprimoramento do estilo e da profunda espontaneidade no jeito de enfrentar os grandes temas da vida/ Literatura.

Viveu sua infância numa grande casa que abrigava, do primeiro casamento de sua mãe, Júlia Stephen, três meio-irmãos, Georg, Stella e Gerald; do primeiro matrimônio de seu pai, Leslie Stephen, a meia-irmã Laura; e seus pais geraram, além dela, Virgínia, Vanessa, Thoby e Adrien.

Para quem escreveria mais tarde *Um teto todo seu* (1929), no qual defende autonomia, condições de concentração para o trabalho intelectual feminino, Virginia viveu na mesma casa com os outros sete irmãos, o casal, sete empregadas. Em virtude das dimensões da casa em que moravam e, porque, dada a condição de pessoas da classe média, a família atendia ao costume de receber visitas para serões, recepções e reuniões de intelectuais, com quem Virginia se acostumou e passou, à medida que crescia, a participar e acompanhar as conversas, os debates, as trocas de opiniões e informações sobre o que acontecia na Inglaterra e fora dela, afiando-se para fazer parte de um dos mais famosos grupos de artistas, escritores e jovens curiosos, desejosos de construir seus próprios caminhos pela Arte: o grupo de Bloomsbury.

Deste grupo faziam parte, entre outros, E. M. Forster, Clive e Vanessa Bell, Lytton Strackey, Roger Fry, Maynard Keynes e Virginia Stephen “era a consciência literária de Bloomsbury, muito antes de se tornar a romancista do círculo”.<sup>2</sup>

Em maio de 1895, morre Júlia Stephen, sua mãe. Virgínia tinha treze anos, o que a deixou fora de si. Morre sua meia-irmã, Laura. Vanessa casa-se com Clive Bell, um novo golpe, pois ela considerou o casamento da irmã querida como uma traição à amizade de ambas.

Em 1904, morre seu pai, e Virginia foi cuidada, sob colapso nervoso, por Violet Dickinson. Em 20 de novembro de 1906, morre seu irmão querido, Thoby, depois de uma viagem à Grécia, onde adoeceu, juntamente com Vanessa.

Em 1977, Leonard Woolf entra para a comunidade de Bloomsbury. É com Leonardo que Virginia casará em 10 de agosto de

---

2 BRADBURY, Malcolm. *O Mundo Moderno. Dez grandes escritores*. Trad. Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.202.

1912. Dentro de um ano, após o casamento, Virginia sofre o terceiro acesso de loucura, enfraquecida pelas mortes de pessoas queridas: mãe, pai, irmão, irmã.

Viveram juntos, Virginia e Leonard, até a morte da escritora, em 1941, e ele a apoiou em todas as dificuldades e crises, com dedicação. Aceitavam-se mutuamente, incluindo os problemas, preferências, formas de pensamento, dificuldades e planos de vida, em todas as fases que atravessaram.

Por volta de 1905, Virginia começa a colaborar com o *Times*, com artigos, crônicas e ensaios. Começara a desenvolver agora a vocação que descobrira ainda criança: escrever em várias modalidades e tons: “ele parece ter mergulhado nas camadas mais profundas de minha mente. Agora posso *escrever, escrever, escrever*: a sensação mais feliz do mundo”, dirá Virginia através do narrador de *Mrs. Dalloway*, refletindo sobre a relação entre o mundo organizado, festivo, aparentemente realizado e feliz de Clarissa Dalloway e o mundo despedaçado, infeliz e sombrio, sem esperanças de Septimus Warren Smith. O narrador, aquele que a leva a ver-se de dentro, possibilita-lhe o mergulho necessário para percorrer os meandros e labirintos da escrita.

### A Construção de Metáforas

Como leitora-escritora, Virginia cultivou diferentes “classes de textos”, ou gêneros do discurso: ensaio, artigo, crônica, conto, novela, romance, dramatizações, através dos quais participou do desafio de apresentar à tradição, sua herança de materialistas e metafísicos, como dividiria ingleses e russos, buscando uma forma muito pessoal de reescrever esses gêneros.

Virginia dividiu seu tempo de produção e sua energia criadora numa riqueza expressiva distribuída em nove romances, quarentas contos, duas biografias ficcionais (*Flush*, 1933 e *Orlando*, 1929, a propósito de Vita Sack-Ville West) e uma verdadeira (*Roger Fry, a biography*, 1940), quinhentos ensaios, quatro mil cartas e mais de quarenta anos de Diários.

As metáforas que organizam para os leitores os mitos obsessivos de Virginia estão em seus romances e contos, como linhas de força

de toda a sua obra ficcional.

Destaco alguns destes trabalhos com a linguagem, na qual se descobriu e através dos quais a escritora se revela para nós: seus primeiros romances, *A Viagem*, 1915, e *Noite e Dia*, 1919, têm temática e estrutura discursiva ligadas à tradição realista; no entanto, já apresentam questões que serão retomadas ao longo de sua obra e que passarão a receber um tratamento diferente, à medida que sua forma interage com as discussões dos modernistas.

Outras técnicas, já sob influência da psicologia, das incursões freudianas sobre as “camadas” da mente permitirão, entre elas, o fluxo da consciência, a fragmentação dos motivos, enredos ou elementos da ação, a quebra da temporalidade, uma mudança na estrutura romanesca.

As primeiras tentativas estão marcadas pelo universo vitoriano de convenções e práticas sociais, as quais passarão a questionamento constante e incisivo a partir dos anos vinte, desde *O Quarto de Jacó* (1922), destacando o fluxo contínuo da vida, o impacto da experiência sobre a consciência, um certo vagar do personagem em meio aos acontecimentos do dia-a-dia.

A influência impressionista é inegável daí em diante, o que contribuirá para a percepção de abandono da tentativa de compreender o todo, em proveito de “flashes”, de impressões de vida dos personagens, na impossibilidade de abarcar ou definir as pessoas.

Os três romances seguintes, *Mrs. Dalloway*, 1925, *Passeio ao Farol*, 1927, e *As Ondas*, 1931, realizam as inovações formais e estilísticas concentradas, sobretudo, no tratamento do tempo.

A ação de *Mrs. Dalloway* acontece nas doze horas que dura a narrativa de personagens circulando entre Westminster e Regent Park, Clarissa Dalloway e Septimus Warren Smith. Clarissa, esposa de um membro do Parlamento, prepara uma festa para receber, à noite, velhos amigos. Em meio aos lances de suas ocupações, conhecemos Peter Walsh e Sally Setton, revelados através de opiniões, lembranças e imagens da memória.

Septimus representa o contraponto ao mundanismo de Clarissa; Septimus, jovem herói de guerra, suicida-se, antes de ser reconduzido ao asilo de loucos, do que Clarissa toma conhecimen-

to através de um de seus convidados, o médico que o atendera, atrasando-se para a festa.

Através de um sistema conhecido, renovado pela determinação de Virginia de escavar abismos da alma, os vasos comunicantes fazem-se túneis, através dos quais as imagens circulam, estabelecendo encontros, trocas e contatos, capazes de inusitados contrastes, por exemplo entre o domínio da figura social e pública com o confinamento e a inquietação do desequilíbrio: Clarissa e Septimus.

*Passeio ao Farol* divide a metáfora do tempo em antes e depois de Mrs. Ramsay, isto é, em antes e depois do passeio, da ida – travessia ao farol, em antes e depois da morte da mãe, a “mulher metafísica”, coluna da casa, motivo e espírito da casa, como imagem do espaço da vida, da existência e de ser, dos conflitos e do repouso: “Seria preciso ter cinquenta pares de olhos para ver melhor, refletiu. (Lily, a pintora). Cinquenta pares de olhos não seriam suficientes para açambarcar essa mulher única, pensou.”<sup>3</sup>

A “visão” final de Lily Briscoe fecha a segunda parte do romance, operando a ligação dos túneis do tempo pelos momentos (in)definidos pelos pincéis e tintas que tentaram capturar a figura de Mrs. Ramsay.

A fantasia biográfica a propósito de sua amiga Vita, *Orlando*, 1928, desenvolve um dos temas mais caros a Virginia: a discussão sobre a dificuldade de estabelecimento do gênero. O poeta que muda de sexo e vive uma vida renovada por quatro séculos pareceu-lhe o motivo propício para colaborar entre o narrador e o personagem mutante, símbolo da androginia, o objeto central de suas idéias sobre igualdade e diferença, sobre o outro e o eu, construiu falas que ficcionalizaram tais conflitos.

Com *As Ondas*, Virginia alcança, possivelmente, o ponto mais alto do experimentalismo com as impressões da mente, para a quebra da perspectiva temporal, sobretudo concentrada na vida psíquica, dividida entre memória, devaneio, sonho e desejo.

A complexidade da escrita se mostra no desaparecimento quase completo do narrador, em proveito dos solilóquios e monólogos interi-

---

3 WOOLF, Virginia. *Passeio ao Farol*. Trad. Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s.d., p.177.

ores em torno de Percival, motivo principal das falas e pensamentos dos personagens que se fazem ecos e irradiações, mais que figuras definidas, entre o nascimento e a velhice.

A complexidade de "mettre en écriture" a obsessão com o tempo deve-se a vários fatores, mas sobretudo ao tratamento do presente, passado, futuro, cujo encontro proporciona espessura e densidade à temporalidade woolfiana.<sup>4</sup>

Desde a abertura, como numa sinfonia, antecipam-se as notas constantes, os motivos que serão entregues ao leitor, um por um, na variação das falas, como vagas que se esbatem na areia, desmanchando-se em espumas e ecos:

Aproximando-se da praia, cada uma dessas ondas erguia-se, acumulava-se, quebrava e varria pela areia um tênue véu de água branca. A onda parava, partia novamente, suspirando como um ser adormecido cuja respiração vai e vem inconscientemente. Aos poucos, a faixa escura no horizonte clareou como se a borra numa velha garrafa de vinho se tivesse acomodado, deixando transparecer o verde de seu vidro. Ao fundo, também o céu se fez translúcido, como se ali baixasse um sedimento branco, como se o braço de uma mulher deitada sob o horizonte erguesse uma lâmpada e faixas brancas, verdes e amarelas se espriassem pelo céu como as varetas de um leque.<sup>5</sup>

As vozes-ecos constroem nos movimentos do romance ondulações discursivas de uma tela em que, ao invés de traços gravassem-se notas-timbres de falas atormentadas pelo mistério que envolve os contatos e toques humanos, entre as pessoas e as coisas, abertos pelo espriar do leque, que momentaneamente permite que vislumbremos, entre os entreditos murmurados, a beleza de imagens como esta que abre *As Ondas*.

A saga dos *Pargiter*, vivida entre 1880 e 1930, discute as mudan-

---

4 DEFROMONT, Françoise. "Le fil du temps". In: *Europe*. Août-Septembre, 1985. N<sup>o</sup>s.676/677, p.17 (tradução livre).

5 WOOLF, Virginia. *As Ondas*. Trad. Lyz Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p.7.

ças da era vitoriana (sessenta e quatro anos de reinado da rainha Vitória) para o século XX, leva Virginia a uma certa linearidade narrativa, transformando *Os Anos*, 1937, num best seller, como se os leitores reencontrassem o sabor das antigas histórias, contadas ao gosto tradicional, desde o início, até o desfecho.

*Entre os atos*, 1941, retoma os contrapontos temporais, permitindo que o passado originário dos ingleses e o presente sombrio da segunda guerra sejam motivos entrecortados às falas da “peça” de teatro encenada pelos personagens-atores:

Uma senhora tonta e bajuladora, ao parar à entrada do que ela uma vez chamou “o coração da casa”, o limiar da biblioteca, disse um dia: “Depois da cozinha, a biblioteca é sempre a sala mais agradável de uma casa”. Depois acrescentou, cruzando o limiar: “Os livros são o espelho da alma”.

*Neste caso uma alma baça, maculada. Pois uma vez que o comboio levava mais de três horas a chegar a esta remota aldeia mesmo no coração da Inglaterra, ninguém se atrevia a tão longa jornada sem se prevenir contra a possível fome mental, comprando um livro no quiosque. Assim o espelho que refletia a alma sublime, refletia também a alma enfadada. Ninguém podia pretender, ao olhar para a mistura de romancelhos que os viajantes de fim de semana tinham deixado cair, que o espelho sempre refletisse a agonia de uma Rainha ou o heroísmo de um Rei Harry.<sup>6</sup>*

As descrições são entremeadas de falas que ajudam a imprimir à leitura uma certa espacialidade fugidia, enquanto as digressões proporcionam à narrativa uma dinâmica teatral.

### A Escritura moderna e universal de VIRGINIA WOOLF

De 1935 a 1938, Virginia escreveu para o suplemento literário do jornal *The Times*, sobre literatura inglesa, americana, francesa e russa, compreendendo retratos de escritores e críticas de suas obras; escreveu

---

6 WOOLF, Virginia. *Entre os atos*. Trad. de Isabel de Freitas Lopes. Lisboa: Ed. Cotovia, 1991, p.20.

também sobre pessoas comuns, desconhecidas, obscuras ou esquecidas e ainda sobre questões de teoria literária, como os conhecidos ensaios sobre o romance moderno e as idéias modernistas.

Aos poucos, os ensaios e artigos enfeixados em *O leitor comum* vão sendo dados a público, entre 1925 e 1932, seguindo-se, após sua morte, outras publicações, tanto de natureza jornalística quanto ficcional.

O estilo ensaístico adotado por Virginia imprimia leveza e composição convincente, alimentada por rigorosa argumentação reflexiva, aos temas tratados, o que constituía a marca teórica da observadora exigente.

Juntam-se à produção mais voltada para a reflexão de questões gerais de seu tempo, a escrita autobiográfica, cartas, diários, e memórias, fontes constantes de experimento com as imagens obsessivas.

São praticamente mais de trinta e cinco anos de escrita de diários, entre 1897 e 1909, entre 1915 e 1918, até sua morte, em 1941, que foram publicados, de início, em 1953, como *Diário de um escritor*, por seu marido, Leonard Woolf, o que vai provocar, em meio à movimentação das idéias revisionistas das décadas de 1960 e 1970, um revival do pensamento de Virginia, o qual colocava em questão direitos básicos das pessoas comuns, sufocados por interesses elitistas.

É no confronto com os diferentes tipos de textos que o leitor percebe a diferença de sua postura como escritora e os traços de sua escritura, através de alguns elementos caracterizadores de seu estilo:

1. motivos que se dissipam em ecos e espelhos, proporcionando uma visão feita de impressões em que os enredos são apreendidos através de toques, gestos, movimentos de seus personagens-atores;
2. os personagens são representações de rapsódias e sinfonias. Não há, propriamente, nos contos e romances da fase "pós-realista", ou a partir de *Mrs. Dalloway*, personagens que possam ser apreendidos como uma totalidade. São mais configurações do que figuras e os fragmentos de que se compõem assemelham-se aos movimentos de uma partitura em execução, a qual envolve o leitor, deixando em seus ouvidos o entrecortar de ruídos e vozes, e nos olhos, estilhaços que

refletem pedaços de imagens, como em “A Dama no Espelho. *Um reflexo*”, uma das narrativas curtas escritas entre 1922 e 1941, publicadas em revistas. Esta narrativa, de forma primorosa, realiza o programa do personagem para a ficção moderna, uma das conquistas do modernismo europeu, no século XX:

Logo o espelho entornou em cima dela uma luz que pareceu fixá-la; como um ácido que corroesse o supérfluo e o superficial e deixasse intacta apenas a verdade. Era um espetáculo deslumbrante. Tudo se desprendia dela – nuvens, vestido, cesta, diamante –, tudo o que chamamos de plantas rasteiras e convólculos. Embaixo existia a parede sólida. Ali existia a mulher. Nua sob a luz impiedosa. E nada existia. Isabella perfeitamente vazia. Sem nenhum pensamento. Nenhum amigo. Ninguém com quem se preocupasse. Quanto às cartas, eram apenas cartas. Enquanto permaneceu ali, tinha a aparência velha e angular, coberta de veios e de linhas, com o nariz rebitado e a nuca enrugada, sem ao menos dar-se ao trabalho de abri-las.

*As pessoas não deviam deixar espelhos pendurados em casa.*<sup>7</sup>

Dissipando-se em notações limpas e nítidas, ao ser tragada (refletida no sentido de corroída, esvaziada) pelo espelho batido de sol do jardim, a personagem é apenas rosto e pescoço vincados de rugas, uma boca fina e amarga, seca e dura, na espessa crosta que a impedia de mostrar-se e, para nós, leitores, de vê-la em sua “interioridade”, para sabermos quem ela poderia ser. O que constatamos é que ela era, naquele momento, o que a réstia de sol desvelava para aquele instante, para, a um movimento de brisa que vinha do jardim, fazendo o espelho oscilar, e, com o mesmo movimento, desaparecer o pedaço de imagem desbastada.

O processo de associação dos personagens a “pulsações”, ao

7 WOOLF, Virgínia. “A Dama no Espelho. *Um reflexo*. In: *Uma Casa Assombrada*. Contos. Trad. José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.114.

estilo de Clarice Lispector, descaracteriza os contornos visíveis e, ao final da leitura, deixam-se ouvir notas graves ou em pianíssimo, dissolvendo o que mal conseguimos vislumbrar por um momento, ficando, contudo, através dos ecos, a amarga contingência humana.

3. o terceiro tipo de contribuição dá-se na fusão, pela memória, da categoria espacial com a “interiorização” do personagem-narrador como parte do motivo ou conjunto temático. O espaço é psicologizado pela memória, de cujas imagens promanam lugares, objetos, cores, odores, refrações de raios de luz, movimentos, através dos quais, em nexos mínimos, o leitor organiza os pedaços da história. Montada como um jogo de figuras embaralhadas, a história desvela atmosferas e ambiências, mais que espaços físicos, através de “trompe l’oeil”, em que fugas e devaneios vão estampando cenas, algumas inesquecíveis, de pura interiorização espacial. A pintura, através de seus representantes – personagens-pintores –, grava as cenas mais importantes, aquelas que deflagrarão as visões dos personagens, preparados pela memória:

*Muitas cores fortes, muitos sons distintos; alguns seres humanos, caricaturas; comicidade; alguns momentos de existência violentos, sempre abrangendo uma parte da cena que interrompam: e todos eles circundados por um grande espaço – essa é uma descrição visual, incompleta da infância. É assim que a concebo; e que vejo a mim mesma quando criança, vagando, naquele espaço de tempo que durou de 1882 a 1895. Eu poderia compará-lo a um grande corredor, com janelas deixando entrar luzes estranhas, e murmúrios e intervalos de silêncio profundo. Mas nesse quadro também deve ser introduzida, de alguma maneira, uma idéia de movimento e mudança. Nada ficava estável por muito tempo.<sup>8</sup>*

---

8 WOOLF, Virginia. “Um esboço do passado”. In: *Momentos de Vida*. Trad. Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.92.

4. a urdidura do tempo. Se pudéssemos defini-la numa palavra, a escritura de Virginia Woolf seria a própria obsessão do tempo. Atormentada com visões do passado e da morte, angustiada com o desconhecido e com as perguntas sem resposta, Virginia concentrou na invisível trama do tempo uma escrita na qual colocou “a correnteza rubra e espessa da vida”, em que diferentes modulações temporais são construídas para coabitarem o fluxo e o refluxo da memória, sede do tempo: “É verdade que a romancista tem a arte de bater setenta tempos diferentes simultaneamente”.<sup>9</sup>

Os diferentes tempos que batem através dos pêndulos dos relógios se esbatem contra a líquida e espessa atmosfera dos momentos vividos simultaneamente por cada personagem, seja para fingir que estão atentos ao que aconteceu, seja para abertamente contrariarem as imposições ou convenções sociais.

O tempo interiorizado, o fluxo da consciência, a quebra dos limites da imagem impressionista fazem das figurações de Virginia Woolf uma experiência quase única na arte da escrita ficcional, criando barreiras muito tênues, com o que nós, leitores, experimentamos e com o que esbarramos de dificuldade em obedecermos ou crermos numa linha reta, para o que pressentimos como sinuoso e fugidio, que as convenções chamam de tempo. Tempo tão facilmente quebrado; com um leve movimento de neurônios, a construção de uma cena se desfaz e se desmancha, como se fosse apagada instantaneamente ou substituída por outra, para provar o quanto era frágil e insustentável.

A contribuição de Virginia Woolf à arte poética deve-se, por todos os motivos encontrados por seus leitores, para justificá-la como uma das maiores escritoras de todos os tempos, ou dos últimos tempos, sobretudo pela sensibilidade e coragem para tratar de temas que incomodam, temas escondidos e evitados.

---

9 DEFROMONT, Françoise. Op. Cit., p.14.

Nos cinqüenta e nove anos de vida, Virginia produziu uma das mais ousadas, corajosas e desafiadoras escrituras, para nos provocar, para vermos pessoas em sua realidade humana, no que têm de seu, para o bem e para o mal, na aparência, opacas aos nossos olhos. Na ficção de Virginia elas têm vida própria, ganham alma e se juntam às coisas para o diálogo audacioso e temido: para nos dizer que o barco dos Ramsay é o nosso, é o mesmo o mar, que quando está calmo esconde correntezas submersas, para que estejamos atentos, do mesmo modo que os marinheiros vigiam o horizonte.

Virginia escreveu a beleza, a traição, a amizade, o amor e a morte, as perdas, os acontecimentos felizes, os encontros, as vitórias, as conquistas, as descobertas, de tudo ela se serviu, para nos legar estes maravilhosos livros que têm intrigado e encantado os leitores, livros transformados pela Arte, para o teatro, o cinema, o canto, a dança.

Ler Virginia Woolf significa entrar, mesmo momentaneamente, para um mundo de associações e comparações de como a vida pode ser recriada pela Arte, para sairmos da mesmice e do lugar-comum, para ouvirmos o rascar de sua pena, traçando celeremente letras e frases, nomes e lugares, para que cada um de seus leitores sinta a companhia de seus personagens, como faróis entre nevoeiros.